



piqer:

Nick Reimer

O que vem depois da Covid-19

«O mundo pode tornar-se num lugar bastante desagradável», diz Peter Daszak. O zoólogo norte-americano e virologista não é uma pessoa qualquer: sob a orientação de Daszak, mandatados por mais de 130 governos, duas centenas de especialistas elaboraram o novo relatório da Plataforma Intergovernamental de Políticas Científicas sobre Biodiversidade e Serviços Ecossistémios (IPBES) — sobre a relação entre a destruição da natureza e o risco de novas pandemias. Daszak considera:

«Se não mudarmos de rumo rapidamente, muito em breve iremos com muito mais frequência passar por pandemias que se disseminam ainda mais depressa do que a Covid-19, com evoluções ainda mais mortais e que lançarão a economia mundial para crises ainda mais profundas do que a actual.»

Verifica-se nomeadamente uma relação entre a destruição da natureza e a Covid-19: «A probabilidade de ocorrência de pandemias aumenta com a crescente destruição de ecossistemas e da biodiversidade», explica Joachim Spangenberg, vice-presidente do Sustainable Research Institute, em Colónia. À medida que penetrarmos em regiões cada vez mais remotas do mundo, ocorrerá uma transferência maciça para o ser humano de patógenos que existem naturalmente em determinados hospedeiros, como os morcegos ou outros animais selvagens. Intensificação das práticas agrícolas e florestais, arroteamento das florestas tropicais, comercialização sem controlo de animais selvagens — com base na avaliação de mais de 600 trabalhos científicos sobre este tema, a equipa de Peter Daszak não tem dúvidas de que somos nós o factor impulsor que provoca as pandemias globais.

Os cientistas estimam que o potencial de novas epidemias globais é imenso. Calcula-se que existem actualmente 1,7 milhões de vírus por descobrir em animais hospedeiros, como aves e mamíferos, dos quais, na opinião dos investigadores, de meio milhão a 850 000 têm o potencial de causar pandemias. Das novas doenças infecciosas que surgiram nos últimos anos, 75 por cento tiveram origem em animais. «Andamos a erguer uma bandeira vermelha há 20 anos, especialmente no que diz respeito aos coronavírus, mas fomos ignorados com demasiada frequência», queixa-se Daszak.

Anne Larigauderie, secretária-geral da IPBES, apela assim a um novo princípio de actuação: «A protecção do clima, a protecção da natureza e a protecção da saúde têm de ser pensadas em conjunto». Hanna Simons, coordenadora de programas da WWF Áustria, formula-o da seguinte forma: «Uma natureza intacta é o melhor baluarte contra novas doenças infecciosas transmitidas dos animais para as pessoas. É assim preciso melhorar maciçamente a prevenção ecológica das pandemias».

Artigo original: https://www.piqd.de/klimawandel/was-nach-covid-19-kommt?ref=dailydigest&utm_campaign=viewpiq&utm_content=2020-10-31&utm_medium=email&utm_source=dailydigest_contenttable

Pura Communications – Tradutora: Ana Pinto Mendes